

***ONTEM
AGORA
NUNCA***
*poemas
e perguntas
sobre tudo
e nada*



Carlos Rodrigues Brandão
escreveu
André Brandão
ilustrou

Existo?

Sou eu quem fala
ou quem é que me fala
aqui, por mim?
Sem saber se o que fui
não foi e nem houve enfim.

agora eu, um Carlos
(um soprinho de seis notas)
empilho mil documentos
colo dois selos e mais
um retrato três-por-quatro,
assino na linha embaixo
e já não sei se eu era
ou se ninguém, e assim...



Caminho... caminho?

Eu caminhava um caminho
que ia ao lado de um rio,
e quando foi de repente
virei uma curva, duas...
e vi que o caminho sumiu,
porque o rio que havia ao lado
todo o caminho engoliu.

Parei e olhei três vezes
e quando vi o que eu via
vi que o rio se terminava,
vi que o rio se consumiu.

E em cima do leito seco
ao lado de onde eu andei
havia um eu que pensava:
"havia mesmo um caminho?
havia ao seu lado um rio?
Ou será que nada havia?
O rio que era, era um sonho,
o caminho nunca houve
e nem quem andava existiu?"

O azul de tudo

Acordei azul como a azulão
(passarinho que azula quando voa).
Molhei as mãos nas águas do sereno
e o azul azulou em minha mão.

Olhei o céu do começo da manhã
e o que era grande gostou de ser pequeno
e o mundo inteiro morou na minha mão
como brinquedo que a gente brinca a toa.

Foi quando era quase noite e quase dia
e o que já foi ontem virou hoje
e o que fora antes foi agora
e o que era nunca foi então
e mesmo a chuva virou botão de flor
o que foi silêncio virou canto
e azulou de cantiga o que era pranto.



lembrar, esquecer

Com lã e linho tinto teço
o arremedo dos feitos
que eu não fiz.
Com agulha fina escrevo
no tecido de seda um texto,
um conto ou um canto
ou uma estória antiga
e com final feliz?

Sei que eu em me lembro
e com saudade escrevo
uma carta minha pra mim mesmo.
E soletro o que a minha mão
recorda, fia borda e tece
e a memória de quem eu fui
desfaz, apaga e esquece.

Na mala e na mochila

Arranjos do viajar... e de ir pra onde?
uma sacola de lona cinza
um relógio sem ponteiros
um calendário de dois-mil-e-cinco
duas petecas e três camisetas
(na segunda escrito o que eu sinto)
e com o rosto de Carlitos na terceira).
Uma escova de dentes, um sabonete
um caderno de espiral para o diário
dos dias de lembrar e de esquecer
um lápis azul, uma caneta, um arco-íris
uma sandália de palha, uma lanterna
um livro de Drummond, outro de quem?
um canivete, um lenço verde e branco
uma capa de revista com um barco a vela
um mar de água e verde, a praia de uma ilha
e a espera sem pressa de um alguém.
E o vento, o vento, o vento, o vento ainda
e atrás do vento os dias todos por viver.
Um passaporte sem retrato e assinatura.
E no lugar do nome, um nome assim:
“ninguém”.

O sonho do outro

Com quem mesmo é que sonhava
o homem que eu vi em meu sonho
quando deitado e dormindo
dentro do sono eu sonhava?

E eu dormindo sonhava
um sonho longo e estranho.
Um sonho sem cara e nome
de quem sonha adormecido
dentro de um sono pesado,
e depois de amanhecido
após esfregar os olhos
ainda sonha acordado.

O que foi que aconteceu?
O que terá sucedido
no sonho dele e no meu?
Nunca eu soube o nome dele
e se era um estranho ou amigo!
Será que eu caí no sono
pra sonhar o sonho dele?
Será que eu sonhei com ele,
pra ele sonhar comigo?

Fazer/criar

Tudo o que se faz depressa
é a pressa que se perde
no que não se cria.

O ato quer sempre acontecer
antes do gesto.

E o fato esquece que ele é
somente a foto do feito.



Três poemas de amor ao mar

O primeiro

Amei o mar.
Foi quando era menino
e molhava os pés na água
e era um anjo,
e voava entre o azul do céu
e o azul do mar
carregando uma estrela
em cada asa.

Gostava de andar
pelas areia ali onde a onda
se termina e desenha na praia
o meu destino.

O mar não era mau nem inimigo,
e morrer nele era viver em outra casa.
E agora, longe quando eu me vou
por caminhos onde há vales e veredas
e são outras as areias,
é o mar que eu amei
quem vai comigo.

O segundo

Venho vindo de um tempo
quando eu era quase o vento
e viajava em maio
de um país a outro
e entre velas velejava
o meu espanto.

E hoje, quando há vento
escuto o que ele fala
e escuto tanto!
E vejo que a noite, noite afora
o tempo, o mar e o vento
tudo o que há se move
a todo tempo.
Tudo menos eu,
ah! menos eu... agora.

O terceiro

Houve um dia no mar, era janeiro
e era sábado no mar azul do Rio
(a terra onde faz tempo eu nasci).
O sol se escondia entre as montanhas
e era tarde mas era o dia ainda.
Em um lugar azul de nuvens brancas
havia nas favelas lá do céu
uma festa de gaivotas viajantes
como aves marinhas da aventura
de voarem de tão longe até aqui.

As pessoas da tarde festejavam
estar ali numa hora como aquela
e ser alguém entre tudo quanto havia.
E sentadas no chão elas comiam
porções de pão de queijo com farofa
e mais pedaços de mangas em fatias,
batatas fritas, sanduíches de salame
numa tarde como aquela, aquele dia.

E elas eram felizes como os pássaros
que voavam e pelo vento iam e iam,
porque era sábado e era azul a tarde
E a cor do céu, da cor do azul do mar
saltimbancava de férias e magias.
Tropelias que os adultos festejavam
enquanto as aves voando repetiam
canções de sonho, de antes ou de circo
e os meninos com pequenas pás de plástico
nos seus baldes de três cores recolhiam.

Vida é o que eu vivi?

Do acaso inesperado
surge a espera
de que coisa alguma
aconteça agora.

Nada existe dentro
e não há nada fora
e *nenhum verão vem*
depois da primavera.

Meu coração nem sente
e nem decora
o abecedário do Carlos
que eu ontem fui.
Ele sonha o que eu não sei,
e eu sonho vida afora
com um lago que eu sou
e hoje é um rio... e flui.

Vida é o que vivi?
E noes fora... nada?
E é dela que eu lembro
quando acordo e esqueço?
E é na noite escura
a hora em que amanheço?
E a casa em que moro
é o começo do início
do princípio do começo
de uma outra estrada?



Momento

Não fora de argila essa manhã
no forno que acende o sol do sul,
e nem cantasse na mata um urutau
e este riacho estreito e arrependido
de haver deixado o alto de seus montes
onde sussurra tudo o que é tristonho
e essa música a musicar os teus ouvidos
Uma canção de amor e esquecimento.
Essa canção que poderia ser de anjos
E vem da terra e do que toda a terra canta,
e é de água e de vento, pedra e sonho.



O silêncio sábio

A tudo a natureza
inunda de aves calmas,
vagarosas no voo
como os velhos
ou os moinhos esquecidos.
Sábias no que calam
como às vezes
calam os velhos
e as crianças.

oferenda de despedida a quem me leu até aqui

Hoje eu te trago
amigo, amiga
um sol de dores
um rol de flores
e as cantigas
que o povo canta
quando em janeiro
a um deus menino.

Refrões e frases
te trago hoje
de um ramalhete
que vida afora
levo comigo
quando o sol conta
qual o caminho.

Trago nos bolsos
os inventários
das melodias
que a vida pinta
que a vida fia:
uma de noite
outra de dia.

Mas também trago
amiga, amigo,
flores da mata
lá do sertão,
cheiros de malva
e madressilva.
trago um alqueire
de terra preta
da terra viva
do coração.



Nas mãos, no canto
amigo, amiga
do mês de maio
trago a alegria
de tanto amor
e esse poema
que canta e conta:
o que foi feito
o que foi dito
no dia a dia
do que foi ontem
do que foi nunca.



Amiga, amigo
nunca esquecidos
eu conto ainda
o que foi nunca
e por isso é eterno,
o que foi dor

e por isso é terno,
e a esperança
entrelaçada, entretecida
com o que foi nosso
e por isso é sempre,
com o que foi triste
e por isso é vida,
amigo, amiga.

Quem escreveu se despede de quem leu

Não mereço o que eu mereço
e não leio o que eu escrevo.
Com palmo e meio me meço
e sobra do palmo, o meio.
O que eu sei de mim, esqueço.

Me escrevo no quadro a giz.
Se eu vivi, foi por acaso?
Se fui feliz, foi um triz.
Me apago do quadro negro
e sem saber o que faço
no não-saber me embaraço
e não sei se sou ou não
aquele que se imagina
(sonho? verdade ou delírio?)
ser *Carlos Rodrigues Brandão*

